

Resolução de Questões Específicas (Aula 1)

E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Resolução de Questões Específicas (Aula 1)

1. (UNICAMP)

“(...) E, páginas adiante, o padre se portou ainda mais excelentemente, porque era mesmo uma brava criatura. Tanto assim, que, na despedida, insistiu:

- Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.”

(João Guimarães Rosa, A hora e a vez de Augusto Matraga, em Sagarana. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, p. 380.)

“(...) Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento. Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrando, sumido:

- Põe a bênção na minha filha..., seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!

Depois morreu.”

(Idem, p. 413.)

a) O segundo excerto, de certo modo, confirma os ditos do padre apresentados no primeiro. Contudo, **“a hora e a vez” do protagonista não são asseguradas, segundo a narrativa, pela reza e pelo trabalho. O que lhe garantiu ter “a sua hora e a sua vez”?**

b) **“A hora e a vez” de Nhô Augusto relacionam-se aos encontros que ele tem com outro personagem,**

Joãozinho Bem-Bem, em dois momentos da narrativa. Em cada um desses momentos, Nhô Augusto precisa realizar uma escolha. Indique quais são essas escolhas que importam para o processo de transformação do personagem protagonista.

2. (FUVEST) Leia estes dois excertos das obras indicadas e responda ao que se pede.

(...) Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem

desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias.

Na ocasião em que Léonie partia pelo braço do amante, acompanhada até o portão por um séquito de lavadeiras, a Rita, no pátio, beliscou a coxa de Jerônimo e soprou-lhe à meia voz:

- Não lhe caia o queixo! ...

O cavouqueiro teve um desdenhoso sacudir d'ombros.

- Aquela pra cá nem pintada!

E, para deixar bem patente as suas preferências, virou o pé do lado e bateu com o tamanco na canela da mulata.

- Olha o bruto! ... queixou-se esta, levando a mão ao lugar da pancada. Sempre há de mostrar que é galego!

Aluísio Azevedo, O cortiço.

a) Embora os excertos pertençam a romances de diferentes estilos de época – um é romântico e outro, naturalista –, é bastante visível que, neles, o modo de representar as relações de caráter erótico apresenta várias semelhanças. Essa similaridade é sobretudo pontual, isto é, mais concentrada nesses excertos, ou, ao contrário, ela continua a ocorrer, ao longo dos romances? Explique resumidamente.

b) Em ambos os excertos, assim como no conjunto das obras a que pertencem, é notória a predisposição a retratar as personagens de origem portuguesa de um modo bastante peculiar, influenciado por uma determinada corrente de opinião, existente no contexto histórico-social dos períodos em que as obras foram escritas. Identifique esse modo de representar tais personagens e a corrente de opinião que o influencia. Explique sucintamente.

3. (FUVEST) Leia este texto.

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

- Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, imensamente divertido:

- Oh Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?...

O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, de um negro tão líquido e sério! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de ninfa latina!

E apenas pela porta desaparecera a esplêndida aparição:

- Oh Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma coisa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:

- Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija (...).

Eça de Queirós, A cidade e as serras.

a) No período em que Jacinto passa a viver na serra, tornam-se relativamente frequentes, no romance, as referências à cultura da Antiguidade Clássica. Consideradas no contexto da obra, o que conotam as referências que o narrador, no excerto, faz a aspectos dessa cultura?

b) Considerando-a no contexto em que aparece, explique a expressão “nem façamos Arcádia”, empregada por Jacinto.

4. (UNESP) Leia o excerto do romance Memórias de um sargento de milícias de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861).

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – O canto dos meirinhos¹ –; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). [...]

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam – cadeiras de campanha – um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas astúcias policiais do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhhal pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cinquenta era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só

pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe² em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliza, quitandeira das praças de Lisboa, saloia³ rochonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão⁴.

(*Memórias de um sargento de milícias*, 2003.)

¹ meirinho: espécie de oficial de justiça.

² algibebe: mascate, vendedor ambulante.

³ saloia: aldeã das imediações de Lisboa.

⁴ maganão: brincalhão, jovial, folgazão, divertido.

Em *Memórias de um sargento de milícias*, o narrador não participa da ação, mas se intromete na narrativa. Transcreva do excerto dois pequenos trechos em que a intromissão do narrador é mais explícita. Justifique sua resposta.

5. (UNESP) Leia o poema de Manuel Bandeira (1886-1968).

Poema só para Jaime Ovalle¹

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro

(Embora a manhã já estivesse avançada).

Chovia.

Chovia uma triste chuva de resignação

Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.

Então me levantei,

Bebi o café que eu mesmo preparei,

Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...

– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.

(*Estrela da vida inteira*, 1993.)

¹Jaime Ovalle (1894-1955): compositor e instrumentista. Aproximou-se do meio intelectual carioca e se tornou amigo íntimo de Villa-Lobos, Di Cavalcanti, Sérgio Buarque de Hollanda e

Manuel Bandeira. Sua música mais famosa é “Azulão”, em parceria com o poeta Manuel Bandeira. (Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira

O verso inicial do poema (“Quando hoje acordei, ainda fazia escuro”) pode ser visto como uma espécie de abertura narrativa, já que nele se observam dados indicadores de tempo (“quando”) e espaço (“fazia escuro”). Identifique no poema dois outros termos que também indicam circunstância temporal e acabam por reforçar seu caráter narrativo. Justifique sua resposta.

Gabarito

1. (Oficial UNICAMP)

a) **O que garante ao protagonista a sua “hora e vez” não é a reza e o trabalho, portanto,** os valores pacíficos, mas a sua coragem de enfrentar o grupo de Joãozinho Bem-Bem em defesa daqueles que eram oprimidos pelo bando, mesmo que para tanto tivesse de renunciar ao seu bem estar, aos seus interesses pessoais e até à própria vida. Apesar de ganhar a simpatia de Joãozinho Bem-Bem e de poder se beneficiar de sua amizade e da admiração, o protagonista resolve enfrentá-lo, em nome da justiça e da defesa dos mais fracos.

b) Na primeira vez em que encontra o grupo de Joãozinho Bem-Bem, o personagem Nhô Augusto consegue o respeito do bando e principalmente a admiração de seu líder, Joãozinho Bem-Bem, que era temido na região por sua violência. Nhô Augusto é convidado a integrar o bando de Joãozinho Bem-Bem, mas não aceita; e tem a oportunidade de lhe pedir que realizasse, por ele, a vingança contra o Major Consilva, mas não o faz. No segundo momento em que encontra o bando, Nhô Augusto presencia a violência praticada pelo grupo, e, apesar de contar com a simpatia e o respeito do líder Joãozinho Bem-Bem, não se furta a lutar contra ele em nome da justiça e da defesa do povo oprimido pelo bando. De um personagem que havia se tornado pacato, praticante da reza e apegado ao trabalho, vemos ressurgir as forças do homem violento (Matraga), mas, agora, a violência aparece canalizada para um fim justo, garantindo ao personagem, **na sua “hora e vez”, recuperar o sentido de sua vida, o que lhe confere certa paz e** felicidade no momento de sua morte.

2. (Colégio Objetivo)

a) Em ambos os romances existem cenas com elementos eróticos, mas a maneira de tratar o erotismo é diferente. A similaridade é pontual, porque no decorrer da narrativa de *O Cortiço*, a sexualidade das personagens é abordada sob o ponto de vista fisiológico, cientificista do Naturalismo, que aproxima o comportamento humano ao do animal (zoomorfismo), como na cena em que Léonie estupra Pombinha. Isso difere da abordagem erótica que aparece em *Memórias de um Sargento de Milícias*, porque nesse livro não há o caráter determinista, animalizador. Nota-se um tom coloquial irônico nos relacionamentos amorosos, distante do cientificismo.

b) Em ambos os textos e romances, o modo de representar literariamente os portugueses é o do estereótipo, são personagens planas. A corrente de opinião que influencia esse modo de representação é, contudo, diversa. *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicado entre 1852-3, é um romance romântico excêntrico, sem maniqueísmo e idealização, entre outras inovações. A narrativa aborda os costumes populares da época

da estada de D. João VI no Brasil, 1808-1821. Os imigrantes portugueses vão-se adaptando à sociedade brasileira, aderem à vida do Rio de Janeiro. O narrador não faz um julgamento moral definitivo sobre a sociedade retratada, cuja força motriz são o tráfico de influência e a malandragem, isto é, a mistura da ordem com a desordem. O *Cortício* (1890) situa-se no contexto histórico-social do Brasil independente, no final do regime monárquico. A corrente de opinião que influencia o modo de representar a personagem é o Determinismo, de Hyppolite Taine. A personagem é rigidamente condicionada pela raça, pelo meio e pelo momento. No excerto, o jogo erótico de Jerônimo com Rita Baiana é visto como típico de galego (estrangeiro). No contexto do livro, o europeu que não se abriga, que não é determinado pelo meio tropical, sobrepõe-se ao personagem nato no Brasil, domina-o, explora-o economicamente, como exemplifica a trajetória do português João Romão, o capitalista selvagem.

3. (Colégio Objetivo)

a) A *Cidade e as Serras* relata a história do milionário e sofisticado Jacinto, que só encontra felicidade quando se afasta da metrópole moderna, Paris, e da obsessão pelo progresso científico (o que hoje seria chamado de tecnofilia). Esse estilo de vida se revela vazio e entediante. O protagonista encontra paz de espírito e desenvolvimento pessoal na região serrana do interior de Portugal. Nesse ambiente, afastado da modernidade, **além de se desapegar da paixão fútil pela busca incessante da última novidade da “suma potência” e da “suma ciência”, Jacinto retoma ideais da Antiguidade Clássica, mais especificamente os da Arcádia: a desvalorização da vida civilizada (“fugere urbem”), o engrandecimento do contato com a natureza (“locus amoenus”), o desprezo às ilusões da cidade (“inutilia truncat”). Tal processo revela uma recuperação do princípio humanista e bucólico dessa realidade greco-romana, valorizadora do homem e de sua qualidade de vida.**

b) A expressão **“nem façamos Arcádia”** é referência à poesia greco-romana que tem a região campestre da Arcádia como equivalente ao Paraíso, afastada das mazelas da vida urbana. A frase de Jacinto deixa claro que Tormes, localidade campestre serrana do interior de Portugal, pode estar longe dos malefícios da realidade citadina, mas não deve ser idealizada, sublimada. Prova disso é que Ana Vaqueira é uma bruta, assim como seu companheiro, típicos habitantes do campo, feitos apenas para cumprirem os aspectos mais básicos e até certo ponto vulgares da existência. Tais elementos são muito diferentes da utópica Arcádia.

4. (Colégio Objetivo) Embora o narrador não participe do relato, a sua intromissão é **perceptível quando se emprega a primeira pessoa do plural em “como dissemos”, “o vemos empossado” e a primeira pessoa do singular em “não sei fazer o quê”.**

5. (Colégio Objetivo)

Além dos mencionados no enunciado, dois outros termos que também indicam circunstância temporal, reforçando o caráter narrativo do poema são: **“então” e “depois”, uma vez que são circunstâncias ligadas a verbos de ação (“levantei”, “deitei”). Outros indicadores de tempo (como “já”, “da noite”) não estão ligados à ação narrativa, mas à descrição.**